

ONDE ME INVENTEI EM SILÊNCIO: UMA REFLEXÃO AUTOBIOGRÁFICA SOBRE INFÂNCIA, LUTO, ARTE, IDENTIDADE E SUBJETIVIDADE NO PROCESSO DE FORMAÇÃO

Gabriela Andrade de Freitas

■ RESUMO

Este artigo propõe uma reflexão autobiográfica construída a partir das memórias afetivas vividas no corredor e no quintal da casa onde cresci. Esses espaços, que poderiam ser vistos apenas como parte da arquitetura cotidiana, revelaram-se fundamentais na constituição da minha subjetividade, servindo de cenário para descobertas, afetos, perdas, silêncios e expressões criativas. Através de uma abordagem qualitativa e metodologicamente bibliográfica, utilizo referências da literatura, da psicologia e da educação para dialogar com experiências que marcaram minha infância e juventude, como o luto, a descoberta da sexualida-

de, o contato com a arte, a formação identitária e o desejo pela docência. A escrita autobiográfica aqui desenvolvida busca compreender como os acontecimentos do cotidiano se entrelaçam com processos formativos profundos, mostrando que o conhecimento também pode emergir da escuta sensível de si mesma. O texto também revela como a arte – seja por meio da poesia, da música ou da escrita – se configura como espaço de elaboração subjetiva e resistência. Ao transformar memórias em palavras, proponho uma narrativa que é ao mesmo tempo pessoal e coletiva, na medida em que resgata experiências comuns a tantas outras histórias

de formação. Assim, este trabalho reconhece a importância da memória e do afeto como elementos estruturantes da educação e da construção do sujeito em processo.

PALAVRAS-CHAVE

Memória; Formação; Autobiografia; Subjetividade; Infância.

INTRODUÇÃO

Alguns espaços não apenas acolhem nossos passos – eles nos formam. Este artigo nasce do desejo de olhar com atenção para um lugar comum e, ao mesmo tempo, extraordinário: o corredor e o quintal da casa onde cresci. Foi nesse cenário cotidiano que descobri o mundo e a mim mesma – nos silêncios, nas brincadeiras, nos afetos, nas perdas e nas dores – experiências que se entrelaçaram, moldando a pessoa que sou hoje.

A partir de uma abordagem autobiográfica, busco revisitar a própria trajetória, compreendendo como as vivências da infância e da juventude se entrelaçaram com a formação da minha identidade pessoal, artística e profissional. O espaço físico torna-se simbólico, funcionando como território de

passagem, confronto e reconstrução, um lugar onde memórias e afetos se misturam, revelando um percurso em construção, mas já marcado por inúmeras influências que me constituem.

Para aprofundar essas reflexões, recorro a autores e referências bibliográficas que dialogam com temas como memória, luto, sexualidade, arte, subjetividade e formação humana, entrelaçando teoria e vivência. A escrita proposta é um ato de escuta e reconstrução, um movimento de reconhecimento da memória como instrumento de conhecimento e da escrita como forma de compreender o que nos atravessa, porque, muitas vezes, é nos detalhes da vida cotidiana que encontramos as raízes mais profundas daquilo que nos torna inteiros.

METODOLOGIA

Este artigo apresenta uma narrativa autobiográfica construída a partir das experiências vividas durante a infância, adolescência e juventude da autora. Utilizando uma metodologia qualitativa e bibliográfica,

o texto reafirma e reflete sobre memórias construídas no espaço simbólico do quintal e do corredor de casa, resgatando vivências afetivas que marcaram sua formação pessoal e vocacional.

Para ampliar a compreensão desses momentos, o artigo dialoga com obras literárias, filosóficas, psicológicas e acadêmicas, que contribuem para aprofundar temas como luto, infância, sexualidade, poesia, educação, arte, subjetividade e o desejo pela docência. A memória é tratada como fonte fundamental de conhecimento, e a escrita assume um caráter subjetivo e

formativo, articulando a reflexão sobre si mesma com referências teóricas que ampliam a compreensão do vivido.

Assim, o percurso metodológico combina a escrita de si com a construção reflexiva, unindo experiência e teoria para ressignificar as vivências afetivas e compreender a trajetória pessoal em constante construção.

DESENVOLVIMENTO

Desde que me entendo por gente, conheço este lugar. Foi aqui que a pessoa que sou hoje foi construída. Pode parecer apenas um corredor simples de uma casa qualquer, mas foi entre essas paredes que uma Gabriela curiosa, sensível e sedenta por conhecimento foi formada.

Este quintal testemunhou minha infância. Foi aqui que corri, me pendurei nas grades, brinquei e sonhei. Aqui também tive o meu primeiro e o meu último cachorro. Neste mesmo espaço, caí de bicicleta e cortei a cabeça e, tempos depois, vivi meu primeiro luto. Como diria José Mauro de Vasconcelos, em *Meu pé de laranja lima*, “Eu não sabia que a gente podia morrer de tristeza.” Essa frase ecoa em mim quando lembro da dor que senti naquele momento, uma dor que, embora invisível, moldou parte de quem sou.

Por volta dos meus cinco anos, ganhei de presente do meu pai um poodle branco. Dei a ele o nome de Beethoven. Foi no dia do meu aniversário – e, em-

bora a memória daquele tempo venha em fragmentos, o sentimento que ficou é inteiro. Uma das poucas lembranças que carrego com nitidez é a de nós dois correndo pelo quintal. Ele vinha atrás de mim com suas patinhas apressadas, orelhas balançando, como se brincar de correr fosse o jeito mais puro de dizer “eu te amo”. Também lembro dos dias de banho: minha mãe o lavava dentro do tanque, e eu ficava ao lado, ajudando do meu jeitinho – passando o shampoo com cuidado, me sentindo parte daquele momento de cuidado e confiança. Depois, pegava a toalha e sentava com ele na escada, enxugando seu pelo devagar, até que o sol fizesse o resto do trabalho. Ficávamos ali juntos, em silêncio, como se o tempo também parasse para nos observar.

Fomos companheiros por dez anos. Mesmo que eu não consiga lembrar de todos os dias que vivemos, consigo sentir até hoje o carinho que ele tinha por mim – e o amor que eu tinha por ele.

Um amor simples, terno e absoluto, que ajudou a formar a criança que eu fui e que ainda vive em mim.

Ao longo dos meus 22 anos, outros cachorros passaram pela minha vida. O último, um Chow-Chow chamado Thor, faleceu recentemente, em fevereiro de 2025. Ele chegou à nossa casa ainda filhote, em dezembro de 2018, como presente do meu irmão para minha mãe. Tinha apenas três meses e era pequeno e tão peludo que eu o chamava de “bolinha de pelo”. Como é comum na raça, era bravo com estranhos, mas conosco era puro afeto – o nosso bebezinho.

Thor fazia parte da rotina de todos, mas entre nós dois havia rituais únicos. Nossa brincadeira favorita era com bolinhas de piscina: eu chutava suavemente e ele, com a pata, tentava tirar do meu pé como se jogássemos futebol. Ele me esperava no portão todos os dias com a bolinha na boca, como se dissesse: “vem brincar comigo”, e não sossegava até que eu cedesse. Nas tardes de banho, a cena se repetia: ele se sacudia com força e quem acabava tomando banho era eu. Eram momentos simples, mas que hoje habitam minha memória com força e ternura.

Desde sua partida, voltar para casa ganhou um silêncio diferente. A ausência dele preenche os espaços com saudade. Como escreveu Ana Claudia Quintana Arantes, em *A morte é um dia que vale a pena viver*, “A dor do luto é proporcional à intensidade do amor vivido na relação que foi rompida pela morte, mas também é por meio desse

amor que conseguiremos nos reconstruir.” Ainda que a morte de um animal não se compare à de um ente querido, a dor do vínculo interrompido também precisa ser escutada e acolhida – porque o amor, de qualquer forma, deixa marcas profundas.

Mas este quintal não foi apenas cenário de alegrias ou despedidas. Foi também aqui que descobri minhas paixões. Entre brincadeiras e silêncios, comecei a escrever poesias, expressando sentimentos que nem sempre conseguia colocar em palavras. Como afirma Lygia Fagundes Telles em *A poesia de Lygia Fagundes Telles*, “A poesia nasce daquilo que não conseguimos dizer de outra maneira, expressando o que nos toca, nos emociona e nos define.” Como em um dos meus próprios versos:

“O amor é um sentimento tão lindo nas folhas de um livro ou em palavras cantadas de uma música, mas não se compara com o sentimento real. O amor é lindo, mas ao mesmo tempo pode ser tenebroso. Às vezes é tempestade, em outras, é um arco-íris. Em alguns momentos, é igual a rosas, mas também pode ser cactos. O amor tem o poder de te fazer em mil pedacinhos ou ser a cola que vai juntar todos os pedaços. O amor é o sentimento humano mais complexo existente conhecido. Já vi amores que começaram em dor se tornar cura. Presenciei amores que eram rosas perderem o cheiro. Mas, de todos os amores que presenciei, o pior é o suposto amor que termina em rosas e lágrimas dos que não conseguiram impedir o fim.”
(Poema de autoria própria, escrito por Gabriela Andrade de Freitas.)

Foi aqui que aprendi a gostar de filmes, mergulhando em narrativas que me ajudaram a entender o mundo – e a mim mesma. Descobri o prazer de desenhar e pintar, permitindo que cores e formas traduzissem minhas emoções e percepções. A arte, como bem lembra Rainer Maria Rilke em *Cartas a um jovem poeta*, é expressão do que não cabe no cotidiano: “Volte-se para si mesmo. Explore o motivo que o impele a escrever. Confesse a si mesmo: você morreria se fosse proibido de escrever?” Para mim, a arte é esse grito silencioso, esse abrigo de liberdade.

Foi também nesse quintal que comecei a explorar meu lado musical. Lembro das tardes em que ouvia louvores com a minha mãe. Foi por influência dela que comecei a ouvir Raul Seixas, Leonardo, Rick e Renner, Legião Urbana – músicas que, mesmo tão diferentes entre si, me ensinaram a escutar o mundo com mais sensibilidade. Com o tempo, desenvolvi uma curiosidade crescente por canções com teor crítico e político, o que me levou a Chico Buarque e Gilberto Gil, descobertos durante meu fascínio pela ditadura militar e os artistas que resistiram através da arte. Em outra fase, fui cativada pelas letras do Projota, que falavam de realidade e afetos com uma linguagem próxima da minha geração. Mas talvez o momento mais insano – e, por isso mesmo, mais divertido – tenha sido quando descobri que também gostava de K-

pop. Mesmo ouvindo certos julgamentos, continuo fã de alguns grupos até hoje. Foi essa paixão por coreografias coreanas que me fez perceber, com certo humor, que eu talvez não tivesse talento para dançar – e que, no meu caso, seria mais sábio canalizar essa energia para a escrita.

Descobri também, entre essas paredes, sentimentos que eu ainda não sabia nomear. Foi nesse corredor que me apaixonei por uma amiga, ainda criança – uma daquelas amizades intensas, cheias de cumplicidade e olhares que demoramos a entender. Sem perceber, minha sexualidade começava a se revelar naquele espaço, no silêncio dos gestos e nas descobertas do sentir. No entanto, durante muito tempo, evitei olhar para esses sentimentos com sinceridade. A religiosidade presente na minha criação me ensinava que havia algo de errado ali, e isso me fez esconder partes de mim que hoje reconheço com amor e coragem. E foi ali, nesse mesmo corredor onde tantas vezes brinquei de ser quem eu quisesse, que pela primeira vez me vi de verdade – mesmo que por muito tempo eu tenha tentado não enxergar. Como afirma Eugênia L. Leão em *O corpo como linguagem*, “A sexualidade é um dos aspectos mais profundos da nossa identidade, pois está intimamente relacionada à nossa percepção de quem somos e ao modo como nos relacionamos com os outros.”

Além disso, foi esse mesmo espaço que despertou em mim a curiosidade pelas histórias – as que eu inventava e as que aprendia na escola. Ao criar roteiros mirabolantes para minhas brincadeiras, acabei me encantando por temas complexos. Em especial, a análise crítica dos estados totalitários. Os horrores e as consequências da ditadura militar me cativaram de forma profunda. Essa fascinante e, ao mesmo tempo, perturbadora realidade despertou em mim o desejo de estudar mais sobre o assunto, direcionando, até hoje, a formação que busco. Brincar de escolinha com meus primos também contribuiu para que o sonho de ser professora começasse a germinar. Como defende Paulo Freire, “Ninguém nasce feito, é experimentando-se no mundo que se vai fazendo.”

Foi também nesse quintal que descobri as duas profissões que desejo seguir: ser professora, como já mencionei, e ser psicóloga. A decisão de estudar Psicologia começou a se formar aos meus 15 anos, quando uma professora – que também atuava como enfermeira – compartilhou com uma turma do Ensino Médio que, em seu trabalho no hospital, presenciou médicos se recusando a atender pacientes que haviam tentado suicídio. Aquilo me marcou profundamente. Passei a me perguntar: que tipo de dor leva alguém a considerar a morte como a única saída? Foi com esse questionamento inquieto que

iniciei minha busca por compreender a mente humana e o sofrimento psíquico. Como diz Andrew Solomon em “O demônio do meio-dia”, “O oposto da depressão não é a felicidade, mas a vitalidade. E quando a vitalidade desaparece, a ideia do suicídio pode parecer um alívio, não porque a pessoa queira morrer, mas porque quer acabar com a dor.” Entendi, ali, que queria ajudar a cuidar das dores invisíveis, e que a escuta, o acolhimento e o respeito à vida humana seriam parte do caminho que eu gostaria de trilhar. Como afirma Sérgio Telles, “A psicologia é uma janela para as profundezas da mente humana, desvendando os aspectos mais complexos de nossas experiências, percepções e crenças.”

Este quintal também foi palco da minha maior dor: a perda da minha avó, em 2023. Foi sentada nesta escada que tantas vezes nos acolheu em risos e silêncios compartilhados, que chorei sua ausência com uma dor que parecia não caber em mim. Aqui, onde ela me ensinou o que era o amor – não por discursos ou grandes gestos, mas pela ternura cotidiana, pelo cuidado silencioso, pelo olhar que dizia tudo sem dizer uma só palavra. A presença dela habitava cada detalhe: o som da sua risada nos churrascos que fazíamos em família, o seu cheiro marcante que parecia abraçar o ambiente, a forma como me acolhia com o toque de quem conhece profundamente. A sua partida deixou um vazio que ecoa nos cantos da casa, mas também uma

força que me sustenta. Ana Claudia também afirma: “Quando morre uma pessoa amada e importante, é como se fôssemos levados até a entrada de uma caverna. [...] A vida que será conhecida a partir da perda nunca será a mesma de quando a pessoa amada estava viva. Para sair dessa caverna do luto é preciso cavar a própria saída.” Foi neste mesmo quintal que ela me formou – com afeto, com paciência, com exemplo. E, embora a saudade seja constante, sua memória é viva em tudo o que sou, em cada gesto que repito sem perceber, em cada valor que carrego com orgulho.

Hoje, aos 22 anos, ao me sentar na mesma escada onde tantas vezes caí e me levantei, relembro não só os momentos felizes, mas também os desafios que me moldaram. Recordo, por exemplo, aquele Dia das Mães em

que compreendi, pela primeira vez, o que significava perder alguém que se ama. Graciliano Ramos descreve bem esse sentimento quando diz: “A infância é uma coisa que se guarda num lugar secreto, e que de repente aparece em lembranças que doem e confortam ao mesmo tempo.”

A Gabriela de 11 anos, apaixonada por História e movida pela curiosidade, teria orgulho da mulher que estou me tornando – e, com certeza, continuaria buscando cada vez mais conhecimento, arte e sensibilidade, assim como todas as versões de mim que vieram depois dela. Tal como afirma Paulo Freire em *Cartas a quem ousa ensinar*, “É preciso que o docente se assuma também como um sujeito em formação, alguém que aprende ao ensinar.”

CONCLUSÃO

Hoje, ao olhar para este corredor – mais do que parte da casa onde cresci – reconheço nele um espelho da minha trajetória. Ele guarda as marcas de quem fui, os sonhos de quem sou e os passos de quem ainda estou me tornando. Aqui, entre quedas e descobertas, aprendi que crescer é também saber acolher as dores, reconhecer as transformações e continuar caminhando com coragem.

Cada canto desse espaço foi um convite para olhar para dentro e escutar

a menina que eu fui, com suas dúvidas, suas esperanças e sua sede de vida. O quintal e o corredor não foram apenas cenários: foram testemunhas silenciosas do meu processo de formação, guardiões das dores que me atravessaram e dos afetos que me sustentaram. Eles acolheram meus passos mais desajeitados e os meus silêncios mais profundos. E foi nesse chão conhecido que compreendi que não existe formação sem escuta, sem afeto, sem memória.

Percebo que crescer não é abandonar quem fomos, mas integrar cada parte da nossa história – até mesmo aquelas que tentamos esquecer ou não sabíamos nomear. A infância, com todas as suas delicadezas e conflitos, permanece viva em mim como um território fértil de sentidos. Como escreveu Fiódor Dostoiévski, “nada é mais verdadeiro do que as lembranças da infância; elas não nos enganam – nós é que fingimos esquecê-las.” E, de fato, foi ao escrever este texto que reencontrei partes de mim que pareciam adormecidas – e compreendi que a memória, mesmo quando silenciosa, nunca deixa de existir em nós.

Que cada memória vivida nesse quintal, cada silêncio, cada gargalhada, cada lágrima, me lembre sempre de onde vim – e me impulse a seguir em direção ao que ainda posso ser. No fim, talvez não sejamos feitos apenas do que vivemos, mas do que escolhemos aprender com tudo aquilo que nos formou. E é nesse reconhecimento – entre o que fui, o que sou e o que posso vir a ser – que reside a força de continuar escrevendo minha própria história. Uma história que não se fecha, mas que se reinventa a cada passo, a cada afeto, a cada escolha de permanecer com coragem, mesmo quando a caminhada parece incerta.

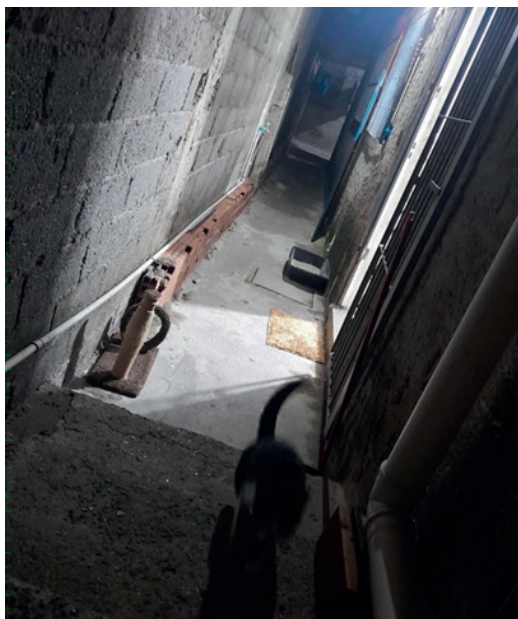
ANEXOS

FIGURA 1 03/03/2025, _____
UMA SEGUNDA-FEIRA
ÀS 05:03 P.M.



Fonte: Acervo do autor (2025)

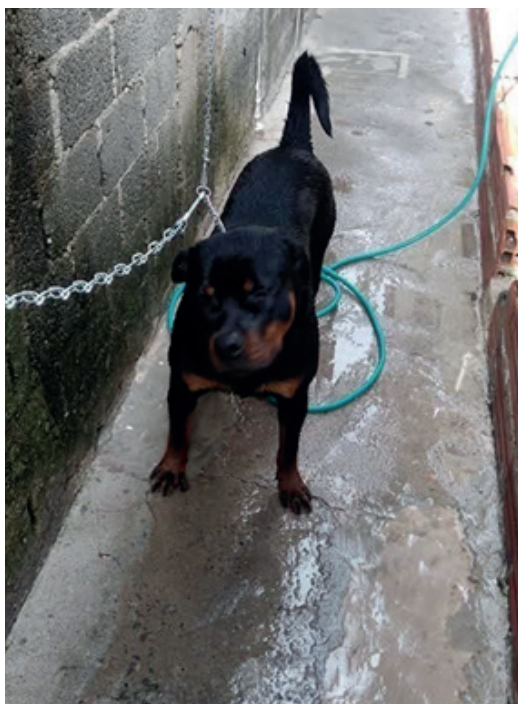
FIGURA 2 04/03/2025, _____
UMA TERÇA-FEIRA
ÀS 08:00 P.M.



Fonte: Acervo do autor (2025)

FIGURA 3 E 4 MAIO/2017, UMA TARDE DANDO BANHO NOS CACHORROS

Fonte: Acervo do autor (2017)



Fonte: Acervo do autor (2017)

REFERÊNCIAS

ARANTES, Ana Claudia Quintana.

A morte é um dia que vale a pena viver.

2. ed. São Paulo: Sextante, 2016. 192 p.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Memórias**

do subsolo. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2004. 122 p.

FREIRE, Paulo. **Cartas a quem ousa**

ensinar. 1. ed. São Paulo: UNESP, 2003. 96 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 49.

ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 192 p.

LEÃO, Eugênia L. **O corpo como**

linguagem: uma abordagem psicossocial da sexualidade. 1. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. 159 p.

RAMOS, Graciliano. **Infância.**

Rio de Janeiro: Record, 2010. 160 p.

RILKE, Rainer Maria. **Cartas a um jovem poeta.** 1. ed. São Paulo: L&PM, 2004. 80 p.

SAUNDERS, Cicely. **A arte de lidar com o**

luto. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2002. 126 p.

SOLOMON, Andrew. **O demônio do**

meio-dia: uma anatomia da depressão.

1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. 592 p.

TELLES, Lygia Fagundes. **A poesia de**

Lígia Fagundes Telles. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. 160 p.

TELLES, Sérgio. **O que é Psicologia?** 1. ed.

São Paulo: Brasiliense, 2015. 112 p.

VASCONCELOS, José Mauro de. **Meu**

pé de laranja lima. 1. ed. São Paulo:

Melhoramentos, 2008. 186 p.